

A HOMILIA E O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA
ANO C

DOMINGO XXII DO TEMPO COMUM

CIC 525-526: a Encarnação, um mistério de humildade

525 Jesus nasceu na humildade dum estábulo, no seio duma família pobre¹. As primeiras testemunhas deste acontecimento são simples pastores. E é nesta pobreza que se manifesta a glória do céu². A Igreja não se cansa de cantar a glória desta noite:

«Hoje a Virgem dá à luz o Eterno
e a terra oferece uma gruta ao Inacessível.
Cantam-n’O os anjos e os pastores,
e com a estrela, os magos põem-se a caminho,
porque Tu nasceste para nós,
pequenino, Deus eterno!»³

526 «Tornar-se criança» diante de Deus é a condição para entrar no Reino⁴, e para isso, é preciso abaixar-se⁵, tornar-se pequeno. Mais ainda: é preciso «nascer do Alto» (Jo 3, 7), «nascer de Deus»⁶, para se «tornar filho de Deus»⁷. O mistério do Natal cumpre-se em nós quando Cristo «Se forma» em nós⁸. O Natal é o mistério desta «admirável permuta»:

«*O admirabile commercium! Creator generis humani, animatum corpus sumens de Virgine nasci dignatus est; et, procedens homo sine semine, largitus est nobis suam deitatem* – Oh admirável permuta! O Criador do género humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem sem progenitor humano, tornou-nos participantes da sua divindade!»⁹

CIC 2535-2540: a desordem das cobiças

2535 O apetite sensível leva-nos a desejar as coisas agradáveis que não possuímos. Exemplo disso é desejar comer quando se tem fome ou aquecer-se quando se tem frio. Estes desejos são bons em si mesmos; muitas vezes, porém, não respeitam os limites da razão e levam a cobiçar injustamente o que não é nosso e que pertence, ou é devido, a outrem.

¹ Cf. Lc 2, 6-7.

² Cf. Lc 2, 8-20.

³ SÃO ROMANO O MELÓDIO, *Kontakion*, 10, *In diem Nativitatis Christi*, Prooemium: SC 110, 50.

⁴ Cf. Mt 18, 3-4.

⁵ Cf. Mt 23, 12.

⁶ Cf. Jo 1, 13.

⁷ Cf. Jo 1, 12.

⁸ Cf. Gl 4, 19.

⁹ *Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus*, 1ª Antífona das I e II Vésperas: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973), p. 385 e 397 [a versão oficial portuguesa é menos exacta: «Oh admirável mistério! O Criador do género humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem, tornou-nos participantes da sua divindade!»: *Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983), p. 426 e 441].

2536 O décimo mandamento condena a *avidéz* e o desejo duma apropriação desmesurada dos bens terrenos; e proíbe a *cupidez* desregrada, nascida da paixão imoderada das riquezas e do seu poder. Interdita também o desejo de cometer uma injustiça pela qual se prejudicaria o próximo nos seus bens temporais:

«Quando a Lei nos diz: “Não cobiçarás”, diz-nos, por outras palavras, que afastemos os nossos desejos de tudo o que não nos pertence. Porque a sede da cobiça dos bens alheios é imensa, infundável e insaciável, conforme ao que está escrito: “O avarento nunca se fartará de dinheiro” (*Sir* 5, 9)»¹⁰.

2537 Não é violar este mandamento desejar obter coisas que pertencem ao próximo, desde que seja por meios legítimos. A catequese tradicional menciona, com realismo, «os que têm que lutar mais contra as suas cobiças criminosas» e que, portanto, precisam de ser «exortados com mais insistência a observarem este preceito»:

«São [...] os comerciantes que desejam a falta ou carestia das coisas, que vêm com pena não serem eles os únicos a comprar e a vender, o que lhes permitiria vender mais caro e comprar mais barato; os que desejam ver o seu semelhante na miséria, para obterem maiores lucros, quer vendendo quer comprando [...]. Os médicos, que desejam que haja doentes; os advogados, que reclamam causas e processos importantes e numerosos...»¹¹.

2538 O décimo mandamento exige que seja banida a *inveja* do coração humano. Quando o profeta Natan quis estimular o arrependimento do rei David, contou-lhe a história do pobre que só possuía uma ovelha, tratada como se fosse uma filha, e do rico que, apesar dos seus numerosos rebanhos, tinha inveja dele e acabou por lhe roubar a ovelha¹². A inveja pode levar aos piores crimes¹³. «Foi pela inveja do demónio que a morte entrou no mundo» (*Sb* 2, 24).

«Combatemo-nos uns aos outros e é a inveja que nos arma uns contra os outros [...]. Se todos se encarniçam assim a abalar o corpo de Cristo, onde chegaremos nós? Estamos a extenuar o corpo de Cristo. [...] Declaramo-nos membros dum mesmo organismo e devoramo-nos como feras»¹⁴.

2539 A inveja é um vício capital. Designa a tristeza que se sente perante o bem alheio e o desejo imoderado de se apropriar dele, mesmo indevidamente. Se desejar ao próximo um mal grave, é pecado mortal:

Santo Agostinho via na inveja «o pecado diabólico por excelência»¹⁵.

«Da inveja nascem o ódio, a maledicência, a calúnia, a alegria causada pelo mal do próximo e o desgosto causado pela sua prosperidade»¹⁶.

2540 A inveja representa uma das formas da tristeza e, portanto, uma recusa da caridade; o baptizado lutará contra ela, opondo-lhe a benevolência. Muitas vezes, a inveja nasce do orgulho; o baptizado exercitar-se-á a viver na humildade:

¹⁰ CatRom 3, 10, 13, p. 518.

¹¹ CatRom 3, 10, 23, p. 523.

¹² Cf. 2 Sm 12, 1-4.

¹³ Cf. Gn 4, 3-8; 1 Rs 21, 1-29.

¹⁴ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In epistulam II ad Corinthios*, homilia 27, 3-4: PG 61, 588.

¹⁵ SANTO AGOSTINHO, *De disciplina christiana*, 7, 7: CCL 46, 214 (PL 40, 673); ID., *Epistula* 108, 3, 8: CSEL 34, 620 (PL 33, 410).

¹⁶ SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job*, 31, 45, 88: CCL 143b, 1610 (PL 76, 621).

«Quereríeis ver Deus glorificado por vós? Pois bem, alegrai-vos com os progressos do vosso irmão e, assim, será por vós que Deus é glorificado. Deus será louvado, dir-se-á, pelo facto de o seu servo ter sabido vencer a inveja, pondo a sua alegria nos méritos dos outros»¹⁷.

CIC 2546, 2559, 2631, 2713: a oração chama-nos à humildade e pobreza de espírito

2546 «Bem-aventurados os pobres em espírito» (*Mt* 5, 3). As bem-aventuranças revelam uma ordem de felicidade e de graça, de beleza e de paz. Jesus celebra a alegria dos pobres, aos quais o Reino pertence desde já¹⁸:

«O Verbo chama “pobreza em espírito” à humildade voluntária do espírito humano e à sua renúncia; e o Apóstolo dá-nos como exemplo a pobreza de Deus, quando diz: «Ele fez-Se pobre por nós (2 *Cor* 8, 9)»¹⁹.

2559 «A oração é a elevação da alma para Deus ou o pedido feito a Deus de bens convenientes»²⁰. De onde é que falamos, ao orar? Das alturas do nosso orgulho e da nossa vontade própria, ou das «profundezas» (*Sl* 129, 14) dum coração humilde e contrito? Aquele que se humilha é que é elevado²¹. A *humildade* é o fundamento da oração. «Não sabemos o que havemos de pedir para rezarmos como deve ser» (*Rm* 8, 26). A humildade é a disposição necessária para receber gratuitamente o dom da oração: O homem é um mendigo de Deus²².

2631 O *pedido de perdão* é o primeiro movimento da oração de petição (cf. o publicano: «Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador» (*Lc* 18, 13)). É o preliminar duma oração justa e pura. A humildade confiante repõe-nos na luz da comunhão com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo, bem como dos homens uns com os outros²³. Nestas condições, «seja o que for que Lhe peçamos, recebê-lo-emos» (*1 Jo* 3, 22)). O pedido de perdão é o preâmbulo da liturgia Eucarística, bem como da oração pessoal.

2713 Assim, a contemplação é a expressão mais simples do mistério da oração. É um *dom*, uma graça; só pode ser acolhida na humildade e na pobreza. É uma relação de *aliança* estabelecida por Deus no fundo do nosso ser²⁴. A contemplação é *comunhão*: nela, a Santíssima Trindade conforma o homem, imagem de Deus, «à sua semelhança».

¹⁷ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In epistulam as Romanos*, homilia 7, 5: PG 60, 448.

¹⁸ Cf. *Lc* 6, 20.

¹⁹ SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *De beatitudinibus*, oratio 1: *Gregorii Nysseni opera*, ed. W. JAEGER, v. 7/2 (Leiden 1992) p. 83 (PG 44, 1200).

²⁰ SÃO JOÃO DAMASCENO, *Expositio fidei*, 68 [*De fide orthodoxa* 3, 24]: PTS 12, 167 (PG 94, 1089).

²¹ Cf. *Lc* 18, 9-14.

²² Cf. SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 56, 6, 9: ed. P. VERBRACKEN: *Revue Bénédictine* 68 (1958) 31 (PL 38, 381).

²³ Cf. *1 Jo* 1, 7 – 2, 2.

²⁴ Cf. *Jr* 31, 33.

CIC 1090, 1137-1139: a nossa participação na Liturgia celeste

- 1019** *Jesus, Filho de Deus, sofreu livremente a morte por nós, numa submissão total e livre à vontade de Deus seu Pai. Pela sua morte, Ele venceu a morte, abrindo assim a todos os homens a possibilidade da salvação.*
- 1137** O Apocalipse de São João, lido na liturgia da Igreja, revela-nos, primeiramente, um trono preparado no céu, e Alguém sentado no trono²⁵, «o Senhor Deus» (Is 6,1)²⁶. Depois, o Cordeiro «imolado e de pé» (Ap 5, 6)²⁷: Cristo crucificado e ressuscitado, o único Sumo-Sacerdote do verdadeiro santuário²⁸, o mesmo «que oferece e é oferecido, que dá e é dado»²⁹. Enfim, «o rio da Vida que corre do trono de Deus e do Cordeiro» (Ap 22, 1), um dos mais belos símbolos do Espírito Santo³⁰.
- 1138** «Recapitulados» em Cristo, tomam parte no serviço do louvor de Deus e na realização do seu desígnio: os Poderes celestes³¹, toda a criação (os quatro viventes), os servidores da Antiga e da Nova Aliança (os vinte e quatro anciãos), o novo povo de Deus (os cento e quarenta e quatro mil)³², em particular os mártires, «degolados por causa da Palavra de Deus» (Ap 6, 9-11) e a santíssima Mãe de Deus (a Mulher³³; a Esposa do Cordeiro³⁴) enfim, «uma numerosa multidão que ninguém podia contar e provinda de todas as nações, tribos, povos e línguas» (Ap 7, 9).
- 1139** É nesta liturgia eterna que o Espírito e a Igreja nos fazem participar, quando celebramos o mistério da salvação nos sacramentos.

CIC 2188: o Domingo faz-nos participar na assembleia festiva dos céus

- 2188** No respeito pela liberdade religiosa e pelo bem comum de todos, os cristãos devem esforçar-se pelo reconhecimento dos domingos e dias santos da Igreja como dias feriados legais. Devem dar a todos o exemplo público de oração, respeito e alegria, e defender as suas tradições como uma contribuição preciosa para a vida espiritual da sociedade humana. Se a legislação do país ou outras razões obrigarem a trabalhar ao domingo, que este dia seja vivido, no entanto, como sendo o dia da nossa libertação, que nos faz participantes da «reunião festiva», da «assembleia de primogénitos inscritos nos céus» (Heb 12, 22-23).

²⁵ Cf. Ap 4, 2.

²⁶ Cf. Ez 1, 26-28.

²⁷ Cf. Jo 1, 29.

²⁸ Cf. Heb 4, 14-15; 10, 19-21; etc.

²⁹ *Liturgia Bizantina, Anáfora de São João Crisóstomo*: F. E. BRIGHTMAN, *Liturgies Eastern and Western* (Oxford 1896) p. 378 (PG 63, 913).

³⁰ Cf. Jo 4, 10-14; Ap 21, 6.

³¹ Cf. Ap 4-5; Is 6, 2-3.

³² Cf. Ap 7, 1-8; 14, 1.

³³ Cf. Ap 12.

³⁴ Cf. Ap 21, 9.